



NOSSA CLASSE

**Pela organização independente dos trabalhadores!
Sob o programa da revolução proletária!**

Boletim Sindical do Partido Operário Revolucionário - Ano XIV - Junho 2018 / e-mail: nossa.classe@hotmail.com - www.pormassas.org

POLÍTICA OPERÁRIA

Unir a classe operária diante da crise econômica

A burguesia e seu governo têm descarregado a crise sobre os explorados. A reforma trabalhista e a terceirização trazem mais lucros para os capitalistas e mais pobreza para os assalariados. Permitem que os patrões aumentem a jornada, reduzam os salários e acabem com direitos trabalhistas. Os dissídios, em sua maioria, concluem com reposição salarial abaixo da inflação. O facão dos patrões continua a cortar empregos. Parte dos postos de trabalho que foram fechados é reaberta na forma de contratos terceirizados. As empresas de terceirização estão inchadas de trabalhadores superexplorados. Em compensação, os empregos, sob a responsabilidade do próprio empregador, vêm minguando. Os jovens, que entram no mercado de trabalho, são jogados nas mãos das empreiteiras (empresas de terceirização). Os trabalhadores mais velhos estão sendo descartados. O gigantesco exército de desempregados é utilizado pelos capitalistas para encontrar mão-de-obra barata. Milhões sobrevivem

com o salário mínimo de R\$ 954,00.

O desemprego e subemprego massivos, os salários de fome e a destruição de antigos direitos trabalhistas retratam a violenta realidade social do Brasil. O problema está em saber por que a classe operária está tão desorganizada e tão despreparada para se defender contra a exploração capitalista. De um lado, as direções sindicais estão corrompidas pela política patronal. De outro, ainda não temos um partido operário revolucionário. Mas somente a classe operária pode resolver a crise de direção política.

O Boletim Nossa Classe luta tanto para construir uma nova direção classista para os sindicatos, quanto para construir um partido revolucionário do proletariado. O Boletim Nossa Classe chama os operários a se unirem em torno de um programa de luta contra a exploração do trabalho, a pobreza e a fome. Luta no interior dos sindicatos para unir a classe operária em defesa dos empregos, dos salários e dos direitos.

Retomar a greve geral de 28 de abril do ano passado

A greve é a melhor forma de defender os empregos, os salários e os direitos. Isso por que os patrões não cedem por meio de negociatas de cúpula. Não temos exemplos de nenhum acordo favorável aos operários que tenha resultado de negociações das direções sindicais com os capitalistas. A greve geral de 28 de abril foi o ponto mais alto de luta da classe operária dos últimos tempos. Foi necessária para combater as reformas da previdência e trabalhista, bem como a Lei da Terceirização. Não conseguimos barrar a reforma trabalhista e a terceirização, porque as centrais sindicais não deram continuidade ao movimento. Estamos pagando caro por não ter derrotado essas medidas da ditadura civil de Temer. A crise econômica continua sendo descarregada sobre nossas costas. É preciso, portanto, retomar a greve geral.

O Boletim Nossa Classe defende que os sindicatos e as centrais convoquem assembleias em todo o País para reorganizar o movimento pela derrubada da reforma trabalhista e da Lei da Terceirização, bem como impedir que a reforma da previdência seja aprovada. Esse é o caminho para enfrentar as reformas antioperárias de Temer e a exploração capitalista.

Defender a família operária, lutando pelo salário mínimo vital

A notícia sobre o reajuste do salário mínimo para 2019 é de que será de R\$ 998,00. Esse valor é menor ainda que os míseros R\$ 1.002,00, previstos pelo governo. Desde 2003, o menor reajuste foi o de 2018, quando foi corrigido em 1,81% (R\$ 17,00). Tudo indica que essa violência contra milhões de assalariados se repetirá no ano que vem.

O movimento operário deve dar importância à luta pelo salário mínimo vital. Que significa um valor que, de fato, permita à família operária viver dignamente. Pelos cálculos do Dieese, em maio, esse salário deveria ser de R\$ 3.747,10. Em nossos cálculos, são precisos R\$ 5.000,00. Esse valor deve ser decidido pelas assembleias.

O Boletim Nossa Classe defende que o salário mínimo vital deve fazer parte de uma campanha nacional em defesa da família operária contra a pobreza e a fome.

O que dizem os operários terceirizados

Na distribuição do Boletim Nossa Classe, vários operários denunciaram as condições de trabalho nas empresas terceirizadas. Falaram sobre os salários, que são menores, a superexploração, a falta de direitos e a ausência de campanhas salariais unificadas entre os terceirizados. Falaram, também, que necessitam de uma direção sindical atuante, porque as direções desses sindicatos não mobilizam e se sujeitam aos patrões das empreiteiras. Relataram que, dentro das multinacionais, os serviços de manutenção, eletricidade, refeitório etc. estão praticamente nas mãos das empreiteiras (terceirizadas). E que são ameaçados de demissão toda vez

que se mostram dispostos a discutir as condições de trabalho com seus companheiros não-terceirizados, já que realizam as mesmas funções.

O Boletim Nossa Classe denuncia as condições de trabalho dos terceirizados e a submissão das direções dos sindicatos ao patronato. Tem como reivindicação a defesa da efetivação de todos os terceirizados, portanto, o fim dos contratos terceirizados. E exige que os sindicatos e centrais organizem a classe operária para combater a reforma trabalhista e a Lei da Terceirização. O Boletim Nossa Classe trabalha por unir terceirizados e não-terceirizados.

DIA NACIONAL DE LUTA DAS CENTRAIS

A CUT, Força Sindical, UGT, CTB e outras centrais decidiram 10 de agosto como “Dia Nacional de Luta.” Foi lançada a “Agenda Prioritária da Classe Trabalhadora”, a ser entregue aos parlamentares e aos candidatos às eleições de outubro. As centrais acreditam que assim estariam contribuindo para elaborar uma política de “desenvolvimento do Brasil”. Os dirigentes sindicais deveriam saber que os explorados estão cansados de eleitoralismo e de tanta mentira. Os parlamentares e os candidatos não estão sob o controle da classe operária, mas sim da burguesia. O que precisamos é um de um verdadeiro dia nacional de luta, que retome o movimento da greve geral de 28 de abril do ano passado.

O Boletim Nossa Classe rejeita o eleitoralismo e a farsa da “Agenda Prioritária da Classe Trabalhadora”. Defende uma plataforma de luta, aprovada em assembleias, para arrancar do governo e do patronato nossas reivindicações.

Divulguem e participem do Boletim Nossa Classe. É um Boletim que vive apenas da contribuição de seus militantes e dos trabalhadores. Façam sua contribuição. Mais do que isso, participem denunciando a exploração nas fábricas.

Sindicatos e campanhas salariais

Anualmente, estão previstos os dissídios das mais diversas categorias. Durante doze meses, os assalariados estão obrigados a aceitar as perdas inflacionárias. Quando chega o dissídio, os trabalhadores já estão afogados pelo rebaixamento dos ganhos e esperam a reposição das perdas e, inclusive, um aumento real. Somente com o aumento real os salários recuperam, além da perda inflacionária, seu poder de compra. Dificilmente os capitalistas aceitam a reivindicação de aumento real. A redução dos salários com a manutenção da jornada de trabalho é uma forma dos capitalistas aumentarem seus lucros.

Os sindicatos deveriam organizar a luta assim que as perdas crescessem, e não esperar o dissídio anual. Pior ainda é o fato de as direções sindicais não unirem os operários no momento das campanhas salariais. Não convocam as assembleias gerais; ou, então, quando convocam, fazem em surdina. Não organizam a campanha salarial desde o chão de fábrica. Não usam as assembleias de fábrica para convocar a assembleia geral. Enquanto os capitalistas se unem para impor os baixos salários, as direções sindicais fragmentam a campanha salarial por fábrica ou grupos. Não há como arrancar dos exploradores o reajuste e o aumento real sem que se organize a greve unitária, coesa e combativa.

O Boletim Nossa Classe defende a democracia operária como necessária para a organização das campanhas salariais. A democracia operária exige assembleias democráticas nas quais os operários podem apresentar suas propostas.

História do Movimento Operário

O Boletim Nossa Classe inicia a história do movimento operário pelos acontecimentos mais recentes. Começamos pela formação da Oposição na Volks à direção do Sindicato Metalúrgico do ABC. O Boletim Nossa Classe surgiu como instrumento de luta classista nesse momento.

Em 2001, um grupo de trabalhadores na Volkswagen decidiu organizar uma chapa de oposição para enfrentar a chapa 1, ligada à direção do sindicato, Articulação/PT. Esse grupo de oposição ficou conhecido como “Oposição chapa 2”. Uma frente formada por militantes do PSTU, Partido Operário Revolucionário, esquerda do PT e independentes.

As principais bandeiras levantadas pela Oposição em seu programa, para a eleição da comissão de fábrica, podem ser resumidas assim: luta contra as demissões, a terceirização, os acordos de banco de horas e semana de quatro dias, com redução de salário. Defesa da redução da jornada sem redução de salários, a soberania das assembleias, a independência do sindicato em relação ao governo e aos patrões.

A Oposição chapa 2 surgiu, assim, do descontentamento dos metalúrgicos diante dos acordos de flexibilização capitalista do trabalho, que vinham sendo feitos pela direção do sindicato desde o início dos anos 1990. Apesar de ser heterogênea, uma vez que era formada por várias correntes, a Oposição despertou a consciência política dos operários de que era necessário conquistar a democracia sindical. A distribuição do Boletim Nossa Classe e outros boletins, no interior da Volks, foi uma grande conquista. É necessário recuperar o terreno perdido depois que essa Oposição se dissolveu, sob brutal perseguição da burocracia sindical e da multinacional.